

# 03

## **Lugares de começos- Guardiões de memórias: onde começar a desenhar formas de pensar e fazer educação, mediação e participação**

**Andreia Dias**

Faculdade Belas Artes de Lisboa  
afdis@gulbenkian.pt

**Patrícia Filipa Ribeiro Martins**

Universidade de Coimbra  
patriciafrmartins@gmail.com

Recebido em: 31/10/2024  
Aprovado em: 01/03/2025



DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431782022024048>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*.

## **Lugares de começos – Guardiões de memórias: Onde se começaram a desenhar formas de pensar e fazer educação, mediação e participação**

Acreditamos na profundidade de transformação latente na junção da arte à educação, ou na arte como forma de propor educação. Nesta união geram-se lugares de relação onde cada pessoa pode encontrar-se consigo, com o outro e com os outros em si, e novas formas de pensar os temas chave da contemporaneidade tendo como ponto de partida a construção conjunta e sensível de uma sociedade mais justa e democrática. Este artigo, espelha a realização de um projeto artístico-cultural, a que chamávamos **Guardiões de Memórias**, erigido a muitas mãos, a muitas cabeças e subjetividades, num exercício de cocriação entre a escola, museu, que descolou do lugar da arte e cujas abordagens transdisciplinares promoveram momentos de autodescoberta e de valorização das diferenças interpessoais e interculturais, de todos os envolvidos. Falamos de um projeto pioneiro entre um agrupamento de escolas e uma fundação com duas coleções de arte - dois museus, e ponto de partida para pensar na importância dos projetos de mediação artística e cultural, nascidos na união escola-museu, e da importância das parcerias frutíferas entre ambos, na formação integral das pessoas, independentemente das suas idades e diversidades e como contributo para uma cidadania plena. Desta parceria que descentralizou quer escola quer museu e criou novos territórios e possibilidades nasceram outras formas de pensar a mediação e a educação, novos caminhos rizomáticos que se expandiram e implementaram em formas de fazer de ambos os lados.

**Palavras-Chave:** Artes, Educação, Mediação Artística, Mediação Cultural, Museu, Comunidade, Participação

## **Places of beginnings – Guardians of memories: Where we began to design ways of thinking and doing education, mediation and participation**

We believe in the depth of transformation latent in the combination of art and education, or in art as a way of proposing education. This union generates places of relationship where each person can meet themselves, the other and the others in themselves, and new ways of thinking about the key issues of contemporaneity, taking as a starting point the joint and sensitive construction of a fairer and more democratic society. This article reflects the realization of an artistic-cultural project, which we called **Guardians of Memories** built by many hands and many heads and subjectivities, in an exercise of co-creation between the school, the museum, which took off from art places and whose transdisciplinary approaches promoted moments of self-discovery and appreciation of the interpersonal and intercultural differences of all those involved. We're talking about a pioneering project between the a School Group and the a foundation with two art collections - two museums, and a starting point for thinking about the importance of artistic and cultural mediation projects, born of the school-museum union, and the importance of fruitful partnerships between the two, in the integral formation of people, regardless of their ages and diversities, and as a contribution to full citizenship. This partnership, which has decentralized both the school and the museum and created new territories and possibilities, has given rise to other ways of thinking about mediation and education, new rhizomatic paths that have expanded and been implemented in ways of doing things on both sides.

**Key words:** Arts, Education, Artistic Mediation, Cultural Mediation, Museum, Community, Participation

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende juntar em unísono, uma proposta híbrida que alia uma escola e um museu, que se ampliam mutuamente, diluindo-se fronteiras ou compartimentações estanques.

Pretende apresentar um projeto realizado em parceria, num desenho de cocriação e experimentação, que consideramos significativo nos seus variados impactos de onde destacamos a transformação de metodologias e práticas, bem como de perspectivas educacionais, dentro do contexto da educação e mediação artística e cultural, as alterações na relação com a arte e a criação artística por parte de quem o viveu, bem como o reforço das identidade(s), sentimento de pertença e valorização do território habitado - ecos e legados que reverberam até hoje.

Um projeto de atenção e escuta ativa, que testou práticas participativas e colaborativas, que envolveram toda uma comunidade promovendo o acesso à participação, fruição e criação artísticas, como elementos essenciais de aprendizagem e construção de mundo, reconfigurando territórios de proximidade afetiva, pontos de encontro, construção e partilha de saberes.

Parte num primeiro momento de uma descrição e reflexão acerca do projeto Guardiões de Memórias e do seu entorno, para refletir a propósito da importância da relação com as artes na escola e nas comunidades, e do papel da educação e mediação artística e cultural dentro e fora dos contextos de aprendizagem, como um contributo valioso para uma formação integral de todas as pessoas e para a manutenção dos valores democráticos universais.

Este projeto foi um laboratório de ensaio em que se encara a Arte como ferramenta transformadora: O Museu enquanto espaço de escuta, reflexão e intervenção crítica e criativa, a Escola como lugar de promoção da equidade, da coesão social e da cidadania ativa (Eurydice, 2012, p.3). Onde no potencial desta interligação se assumem metamorfoses educacionais, e as linguagens e expressões do museu e da escola, quando conjugadas, dão origem a novas possibilidades, dialógicas e interconectadas.

Em cocriação surgiu como o primeiro - o piloto dos pilotos, de muitos outros que foram nascendo quer do lado da escola, quer do lado do museu, quer na relação que ambos criaram e se estendeu no tempo, em diferentes colaborações e cujas possibilidades se ampliaram,

porque com o Guardiões de Memórias, se sonhou e imaginou potencialidades, se aceitaram desafios que nos lançaram para fora de pé e que permitimos que fossem transformando o nosso pensamento e formas de fazer nas nossas práticas, testando-nos constantemente no encontro com o novo e o desconhecido (Atkinson, 2012). A potência deste arriscar criou novas formas de pensar e fazer, num novo território que envolveu museu, escola e comunidades, num processo transformador, disruptivo, artístico, crítico e criativo.

Gostaríamos que a leitura deste artigo, inspirasse vontades e pontos de partida para o sonhar de novos projetos, desenhados e experimentados noutros museus, noutras escolas, noutros outros lugares.

## 2. PONTOS DE ENCONTRO

O projeto Guardiões de Memórias nasce de um encontro e de um desejo comum, materializado sob a forma quer de projeto de educação mediação e educação artística, quer como objeto de criação artística. Moldou-se numa vontade resiliente que uniu duas perspetivas de uma educação que por norma vemos separadas: escola e museu, sonhando um novo lugar de experimentação com um museu que se inscreve na escola e uma escola que se amplia no museu, e que juntos criam algo que se implementa no espaço territorial da comunidade, com a qual trabalham.

Este encontro tornou-se possível porque de um lado estava uma escola, em Leiria, caracterizada como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) - que valoriza as artes na formação dos seus alunos e das suas comunidades, e que quis sair do seu ensimesmamento abrindo-se para parcerias com o exterior, e do outro lado estava uma fundação - em Lisboa, com dois museus - duas coleções de arte que se extra-territorializou indo para fora de si mesma, numa ideia de “extituição” sugerida muitas vezes pelo comissário do Plano Nacional das Artes em Portugal, numa lógica de que a instituição sai de si para dialogar com o exterior, com o meio, e numa relação cooperante e dialogante. Aqui Museu e Escola pautaram-se pela sua vontade de se “extituir”, dialogar e cocriar.

Nesta fundação, no seu recentemente renovado setor de educação - resultado da junção estrutural entre as suas duas coleções, nascia na altura uma nova área de projetos pensada para a construção de projetos participativos, colaborativos ou de cocriação com escolas e que se abria às possibilidades trazidas pelos professores(as) para o desenho à medida destes projetos. Neste lugar de encontros têm-se em atenção a construção conjunta de sentido museu-escola e este desejo da escola encontrava-se profundamente interligado com a premissa nesse ano de trabalhar em torno da ideia do cruzamento de culturas, das diásporas e das emigrações e migrações e que lançava o convite a escolas para virem desenhar em conjunto projetos que procuravam encontrar novos caminhos no campo da educação.

Como resposta a este convite público surge na escola uma resposta que se inicia, pela ação de uma técnica superior de animação cultural, que valorizava a ação de uma mediação artística e cultural com centro nas dinâmicas da escola, e de uma docente de artes, que começavam um conjunto de relações de proximidade com a comunidade envolvente e com um grupo de alunos, com características bastante heterogéneas, destacado pela sua multiculturalidade e pluralidade de gostos e formas de estar distintas. Numa orientação de trabalho partilhado, participativo (Matarasso, 2019; Cruz, 2022) e colaborativo envolveram-se 40 alunos (entre os 10 e os 18 anos) que contaram com a colaboração do centro de dia, com a participação de 12 pessoas de idades compreendidas entre os 60 e os 99 anos e de dois técnicos, de animação sociocultural e de serviço social, respetivamente), e também com a parceria da Filarmónica local<sup>[1]</sup>, num projeto desenvolvido ao longo de um ano letivo sobre sobre as questões da memória e pós-memória (Hirsch, 2008) migrações e identidade(s), abrindo possibilidades ao sentimento de pertença a um território, comum plural e intercultural, onde as pessoas que o habitam se sentissem representadas.

Este caminho entre a educação e a criação artística fez-se a partir de propostas com centro na Arte e nas coleções referidas em específico, sustentado pela mediação cultural e artística que vão despertando um diálogo partilhado e crítico.

[1] ambos localizados nas imediações da escola

Desejava-se por um lado resolver um problema que se encontrava no centro das preocupações da escola: a promoção de um ambiente de respeito pelas características plurais de todos os alunos, e uma abertura às diferenças muitas vezes decorrentes de heranças culturais ancestrais e familiares, num mundo cada vez mais global e os constrangimentos inerentes à dificuldade de uma relação harmoniosa, num contexto cultural diverso como o da escola. Esta diversidade assumiu-se como o ponto de partida para este projeto, que na sua génese procurou contribuir para desenvolver formas de atuação eficientes e promotoras de uma diluição dos conflitos existentes, numa preocupação com uma educação intercultural a partir da cooperação e da empatia, alinhada com os valores de uma cidadania ativa e a valorização das diferenças e de respeito profundo pelos direitos humanos.

Tomou forma assim um projeto transdisciplinar, intercultural e intergeracional, que se apoiou na música, na dança e nas artes visuais, como dispositivos para abordar as temáticas identificadas, partindo da memória pessoal e familiar “de toda uma comunidade, guardando-a e preservando-a ao mesmo tempo que a transforma através da linguagem artística e a apresenta de novo a esta comunidade.” (Dias, 2018)

Assumimos este projeto como ponto de partida para um *lugar de começos*, onde se ensaiaram metodologias, testaram formas de fazer e nasceram ligações geradoras de novas ideias e projetos, das sementes de pensamento, aqui geradas.

### 3. PARTIDA, LARGADA, CAMINHO

#### 3.1 O QUE NOS DISTINGUE EM SIMULTÂNEO NOS APROXIMA

##### **Uma escola: agrupamento de escolas em Leiria**

Agrupamento TEIP situado na periferia da cidade de Leiria, Portugal, (PT), na freguesia de Marrazes e Barosa, um território caracterizado pela desigualdade social e cujos constrangimentos socioeconómicos são uma constante. A escola construída em 1976, para suprir as necessidades das famílias que regressavam dos ex-territórios portugueses no ultramar, situava-se no coração de um bairro periférico e com um tecido multicultural diverso, que desde então recebe continuamente renovados ciclos migratórios conta com mais de 30 nacionalidades e expressões culturais diversas.

Este projeto contou de forma heterogênea com estudantes do Agrupamento, habitantes no território, espelhando a multiplicidade cultural e social, e cuja diversidade era composta por estudantes portugueses de ascendências diversas, onde se destacava a ascendência marroquina, alguns romanos, e também crianças e jovens acabados de chegar de variados locais como Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Ucrânia. Identificavam-se problemas que se prendiam com o estado degradado das instalações, que exercem uma violência estrutural sobre quem a habita, escassez de recursos e de meios humanos para a melhoria das condições do ambiente escolar e para a realização de projetos e algumas situações de violência em meio escolar, em particular na relação aluno-professor, aliadas a uma taxa significativa de absentismo e abandono escolar. Imperava a uma sensação de desenraizamento pelas dinâmicas da escola e do território, ensombrados pelo estigma de pertença a um bairro social, degradado, marginalizado e desconsiderado no seio do território de proximidade e na cidade.

Não obstante, a Coordenação TEIP e a Direção do Agrupamento, valorizavam as artes e as suas dinâmicas na transformação da educação, talvez por isso, em 2009 procederam à contratação de dois técnicos superiores de animação cultural, que pudessem dinamizar projetos que dirimissem um pouco as fragilidades sociais da escola, promovendo atividades extracurricular ou nas pausas letivas. De 2009 a 2013, realizaram-se atividades com centro ainda que ténue nas artes que iam ao encontro das expectativas da escola e do território. Em 2013, um dos lugares foi suprimido, devido a cortes orçamentais, contando a escola com apenas um.

Esta contingência veio a promover, mesmo que de forma não desejável, aquele que foi o início de uma transversalidade nas relações e nas dinâmicas dos projetos da escola uma vez que como resposta foi possível integrar professores na sua componente não letiva, na organização dos projetos, sob orientação da Técnica Superior de Animação Cultural-Mediadora Artístico-Cultural, bem como disponibilizar colaboradores (assistentes operacionais e assistentes técnicos) para apoiar e integrar projetos, que passaram a priorizar os fundamentos da mediação artística (Wimmer, 2002; Caune, 2012; Lafortune, 2012; Arts Council, 2013, 2021, 2022; Matarasso, 2017; Cruz, 2022) como alavanca que aos poucos ia criando um sentimento

de pertença, um envolvimento de muitas pessoas e uma diluição de barreiras subliminares impostas por uma segmentação anacrónica entre arte e cultura, e um afastamento de ambas da vida quotidiana (Teixeira Lopes, 2007).

Salientamos dois aspetos que consideramos fundamentais para uma ação bem sucedida deste projeto e de outros que se lhe seguiram: a linha de formação e interesses da mediadora artística-cultural com a difusão e fruição das disciplinas artísticas, e o incentivo à participação e ao envolvimento dos agentes da escola e da comunidade, valorizando uma articulação entre democratização e democracia cultural (Teixeira Lopes, 2007; Carta do Porto Santo, 2022); e uma valorização e disponibilização de recursos humanos e orçamentais aliadas a uma grande autonomia concedida pelo órgão de gestão.

### **Um museu: uma fundação com duas coleções de Arte**

No centro de ação da fundação encontra-se o propósito de melhorar a qualidade de vida das pessoas através das artes, beneficência, ciência e educação. Desenvolve um trabalho profundo e consistente nestas áreas desde 1956 no qual uma das respostas à sociedade, é o trabalho desenvolvido a partir dos seus setores de educação - o primeiro com origem em 1971, que dão respostas que vão ao encontro dos múltiplos desafios da sociedade em relação com a constante atualização da educação.

Dentro deste contexto, e num momento particular da história da educação desta instituição (2016-2019) em que ambas as coleções estavam sob uma mesma direção e o setor de educação era também o mesmo para as duas coleções, com a mesma coordenação, surge a uma **área de projetos** com o intuito de estreitar a relação com a Escola e que convidava professores(as) a trazerem ideias para se desenvolverem projetos à medida numa parceria criativa entre Museu e Escola.

Iniciada em 2017, esta área de projetos conta atualmente com mais de quarenta projetos realizados com diferentes escolas, docentes e estudantes. O projeto Guardiões de Memórias foi um dos seus primeiros.

### 3.2 SEGUIMOS JUNTOS

#### **As pessoas: uma escola, um museu, um território.**

As pessoas da escola:

1 Docente de Educação Visual do 2º ciclo

1 Docente de educação Visual de 3º ciclo, coordenadora de um Curso de Educação e Formação em Cerâmica

1 Técnico Superior de Animação Cultural (mediador artístico-cultural)

40 Estudantes do 5º ao 9º ano - pertencentes a grupos de fotografia e teatro da escola (os alunos do 9º ano pertencem ao Curso de Educação e Formação de Cerâmica)

As pessoas do Museu:

1 Coordenadora da área de Projetos

6 Mediadoras artísticas e culturais

1 Mediador artístico e cultural

1 Mediador artístico musical

As pessoas do Território:

12 Seniores do centro de dia

1 Técnico superior de animação sociocultural do centro de dia

1 Técnico superior de serviço social do centro de dia

3 Professores da Filarmónica

1 Festival transdisciplinar local (diretor artístico e equipa de produção)

### 3.3 CASA DE PARTIDA

Numa primeira reunião de apresentação mútua, eram inexcedíveis as expectativas e o entusiasmo que acompanhava a escola no regresso a casa. A abertura à possibilidade de implementar um projeto em parceria e cocriação com a fundação e a disponibilidade encontrada na área de projetos, para pensar o contexto da escola e encontrar propostas para a reflexão e envolvimento do grupo, centradas naquelas que eram as preocupações trazidas, foi total.

Divulgar no contexto da escola, junto de chefias, estudantes e docentes, a concretização de um projeto de artes participativas, em que a fundação, conotada como um espaço de privilégio, abria as suas portas a uma escola, com fortes problemas de identidade, e por vezes com complexos de inferioridade inerente, era naquela altura para a equipa profundamente transformador.

Revisitando este momento, poderíamos enquadrar positivamente as suas motivações algures em “*all lives matter*” e numa perspetiva pessoal e profissional uma forma de poder aprender com os modos de ver e de fazer dos mediadores de museu (vários com formação artística), ir absorvendo o conhecimento incorporado que advém da experiência em contexto e essa perspetiva era da visão da escola muito tentadora e desafiante. (Leavy, 2013; Charréu, 2018; Barone & Eisner, 2012).

Resolvidas as questões da apresentação do projeto, e da partilha dos seus ímpetos iniciais colocava-se agora a importante tarefa de encontrar o ponto de partida para a constituição do grupo de trabalho. Avançou-se com convites abertos e voluntários nas turmas da escola sede despertadas pela mediação da leitura da obra: *The Museum Of Me* (Lewis, 2016) que a mediadora dinamizou em todas as turmas do Agrupamento. Esta atividade prioriza a partilha de opiniões e a colocação de questões em torno do conhecimento de museus e dos seus papéis no território e terminava com um exercício de encontro com os patrimónios pessoais, que remete simbolicamente para a ideia de um museu, autêntico e singular, que seria o de cada um dos participantes, e que deixava as perguntas: como será o museu de mim? o que guardaria ou mostraria num museu “de mim”?

Seguia-se uma apresentação da fundação e o convite aliciante de uma visita ao Museu para dar início à parceria. Divulgou-se nos clubes de teatro e fotografia, nas aulas de educação visual e através de cartazes. Em poucos dias, em inscrição voluntária, foram recebidas mais de 50 inscrições, das quais se efetivaram 47, que acompanhadas pela equipa do agrupamento (duas docentes e uma mediadora) e três professores da Filarmónica, se deslocaram a Lisboa para o primeiro dia de trabalho da programação que, entretanto, tinha sido desenhada em alinhamento com as preocupações e motivações do grupo.

Este momento de extensão da escola para um espaço como o da fundação para um dia de partilhas, aprendizagens, reflexão e questionamento, bem como de construção conjunta de algo maior, imbuíu os participantes de uma alegria de fazer parte, e de uma transformação positiva na sua forma de estar, mas também de se expor, de cuidar e de aceitar a opinião e vivências dos outros elementos, ora do grupo, ora do museu, sem hierarquias culturais, numa lógica que só não podemos apelidar de horizontal ou *bottom-up*, porque a equipa de mediação assumiram de certa forma a condução dos trabalhos, cuidando do cumprimento dos horários e das dinâmicas que iam sendo propostas.

### 3.4 PRIMEIROS PASSOS: O CAMINHO FAZ-SE CAMINHANDO

O projeto constituiu-se como “um desafio criativo a cada passo e para todos os seus participantes, desenvolvendo-se entre o museu e a escola (...), numa incessante procura de partilha, de conhecimento e de construção, de um fazer participativo e colaborativo, com um resultado em aberto que se construiu a cada encontro” (Dias, 2018).

Nas reuniões de preparação trocaram-se ideias sobre os contextos e expectativas quer da área de projetos quer da escola, decidiu-se a duração, alinharam-se os objetivos, definiram-se eixos temáticos, e acordaram-se as primeiras deslocações à fundação. A restante matriz foi-se esboçando a cada encontro, ao sabor do que estava a acontecer na escola e ao que os estudantes iam trazendo, partilhando e debatendo, com um fim em aberto e uma atenção constante às participações e contribuições de todas as pessoas envolvidas.

No desenho inicial do projeto ficou claro que a dança seria uma das nossas ferramentas de trabalho, uma vez ter sido apontada como um elemento utilizado pelo o gabinete de mediação de conflitos da escola, que nele encontrava estratégias de coesão e

minimização dos conflitos em meio escolar, permitindo a partilha de música e dança sugerida pelos alunos nos intervalos e nas pausas para almoço, de acordo com os seus diferentes referentes culturais, e que se tinha vindo a revelar aglutinadora e estimulante.

Para se iniciar foi proposta por parte da área de projetos uma curadoria educativa com uma seleção de obras de arte de ambas as coleções e recurso a visitas específicas da sua oferta para criar uma proposta que pretendia explorar processos de experimentação, pensamento e construção sobre a arte, identidade, cultura e memórias dos participantes e suas famílias, transformando-as em ferramentas de ação e intervenção.

Após o desenho estrutural do projeto, (entre 30 de setembro e 13 de novembro de 2017), que contou com quatro momentos de reunião e planeamento sumariamente referidos acima, definiram-se dois dias de atividades para os estudantes convidando-os a vir às coleções, experimentar as atividades, conversar sobre as mesmas e partilhar as ideias que tínhamos para este projeto de parceria para podermos pensar juntos como as desenvolver.

Estes dois dias compuseram-se de uma seleção de quatro propostas, pensadas com base num levantamento das nossas atividades educativas por parte da escola, submetida depois a uma triagem que resultou na sua organização, em consonância com os diferentes objetivos e numa articulação de conteúdos que lançaram o mote e as bases do trabalho coletivo, pensadas para criar relações de pensamento importantes no esboço inicial e gerar ligações interpessoais entre todos, fomentando a cooperação, trabalho em equipa e a empatia.

No primeiro dia de projeto - dezembro de 2017, recebeu-se o grupo, apresentando o projeto, numa conversa com todos os seus intervenientes, onde se confirmaram colaborações e se aferiram expectativas, com uma boa adesão onde revelaram interesse e curiosidade e demonstraram entusiasmo em participar.

Foram realizadas as visitas *Paisagens sonoras* e *Matéria Prima: de que é feito uma obra*, intercaladas entre as suas coleções e ainda a oficina “Eu Compositor” (oferta do setor de educação da Música que colaborou desta forma neste projeto). Por serem um grupo grande e heterogêneo quer de idades quer de interesses, foram divididos em dois grupos de forma a poderem realizar as atividades de forma alternada e todos poderem desfrutar das experiências. As atividades assentaram em eixos de interpretação da obra de arte através do som, abordando a relação entre som e imagem e criando uma composição sonora como resumo de um percurso pelo museu. Na oficina criou-se uma pequena composição musical explorando vários instrumentos e compondo em tempo real com uma metodologia de orquestra.

Como alguns dos participantes do projeto frequentam aulas de música era importante potenciar diferentes estímulos de criação, com a expectativa de uma possível construção musical por parte do grupo, com o apoio dos professores da Sociedade Filarmónica, o que acabou por não se concretizar no decorrer do projeto.

Um segundo momento das propostas partiu do enfoque das matérias-primas das obras (tendo em conta o curso CEF), e de uma reflexão em como os processos e materiais são determinantes na nossa interpretação das mesmas. Importou pensar em como as matérias e as técnicas influenciam o discurso do artista, abrindo possibilidades diversas que resultam em expressões diferentes. Os grupos exploraram ambas coleções de Arte - que apresentam diferentes contextos históricos, e consequentemente abrem diferentes possibilidades a de observação e exploração.

Em todas as propostas participaram também os responsáveis da filarmónica, a mediadora artístico-cultural, as professoras e uma auxiliar de ação educativa. Finalizou-se com uma roda de conversa, aberta e franca que incentivou a uma reflexão partilhada sobre as atividades, aprendizagens e sensações suscitadas. Foi também lançado o primeiro desafio do projeto - cada pessoa recebeu uma pequena caixa de papel construída para este fim, onde deveriam ser guardadas as memórias pessoais e familiares de como chegaram ao bairro onde habitavam - que viagens foram feitas, que caminhos foram percorridos e quais as histórias que fazem parte dessas viagens. Estas partilhas poderiam ser feitas com recurso a diferentes técnicas e materiais, mapeando percursos, expectativas e emoções associadas. No encontro seguinte seria feita uma partilha destas vivências particulares que constituem memórias de um bairro e de uma comunidade.

Entre este momento e o seguinte, o desafio foi sendo realizado entre conversas em casa e trabalhos na escola, em espaços dialogantes, onde cada estudante, era convidado a participar, e incentivado a partilhar as suas memórias e as das suas famílias, numa lógica de trazer para a conversa os caminhos percorridos das origens, até ao território que agora habitavam. À ideia inicial foram-se acrescentando camadas, como o convite aos seniores, utentes do centro de dia e aos alunos do CEF de cerâmica, respetivas famílias e docentes.

Destacamos a relevância do papel da mediadora artística e cultural do Agrupamento, neste exercício de convite e motivação para a participação: a relação de confiança, empatia e respeito, decorrentes de projetos anteriores e o reforço positivo que lhe era conferido, pela qual era pautada a ligação aos alunos, famílias, centro de dia e comunidades, que atuou aqui como um fator determinante.

Foi recolhida informação biográfica sobre o grupo dos “Guardiões de Memórias”, com foto, nome, idade e um pequeno texto individual com a reflexão sobre a ida à fundação e desenvolveu-se uma exposição cuja curadoria foi desenhada com os envolvidos.

Na segunda deslocação à fundação - janeiro de 2018, foi a vez de uma oficina de expressão corporal - Incorpor(arte), e uma outra de construção de estórias -“Historias desfiadas, histórias espelhadas”- a partir de uma exposição temporária, nestas duas vertentes trabalharam por um lado técnicas de movimento, composição e performance explorando as obras de arte a partir do corpo como ferramenta de interpretação e criação de relação e do movimento como expressão e pensamento e também da perspetiva da construção de histórias, narrativas múltiplas que nascem das pinturas e esculturas e se transformam em objetos/cenários com personagens, ações e aventuras.

No final do dia houve novo momento de reflexão sobre o trabalho realizado durante o dia e o que ficou neles das propostas, recolhendo as suas opiniões de forma a ajustar as linhas orientadoras do projeto. Foi reservado ainda tempo para o momento de partilha das suas caixas de memórias que deixaram na fundação para que cada trabalho pudesse ser melhor estudado e registado e receber de volta um comentário, uma valorização. Cada caixa guarda em si pequenos tesouros, memórias fragmentadas de uma comunidade à espera de poderem ser revisitadas e transformadas. Refletem as vivências de cada participante em formas de expressão variadas. Destas partilhas iria nascer o trabalho coletivo de criação conjunta. Surgiram expressões muito variadas nas caixas de memórias: com mapas, textos e desenhos, mas também colagens, objetos pessoais.



Figuras 1 e 2: Caixas de Memórias Fonte: própria

Para além das caixas, para este segundo encontro foi pedida a escolha de um objeto pessoal que estivesse associado às memórias de viagem até à zona onde habitam ou à escola, que fosse muito importante nas suas vidas. Os alunos CEF levaram as suas representadas numa peça cerâmica criada para este momento e que refletiam o âmago da sua investigação sobre as culturas com as quais se identificavam, falando com propriedade e entusiasmo sobre as suas origens, modos de ser e até religião.

Ressaltamos o facto de alguns dos alunos estarem sinalizados com processos de indisciplina e comportamentos disruptivos, mas que no contexto do projeto se mostraram profundamente motivados e empenhado, muitas vezes assumindo a liderança e em simultâneo um cuidado atento aos alunos mais novos e mais tarde às pessoas do centro de dia, bem como um cuidado e interesse com todos os adultos do projeto.

Ao longo deste dia encontrámos nas conversas partilhadas a necessidade da criação de um terceiro momento de vinda às nossas coleções com foco na exploração da riqueza da diferença cultural e na importância da igualdade entre povos.

Nasceu assim uma terceiro encontro fundação - fevereiro de 2018, onde as propostas se centraram na visita “Migrações e cruzamentos- uma coleção através das culturas e dos tempos” onde o pensamento crítico levou-nos num passeio pelo mundo na sua vertente da interculturalidade que une tempos, povos e culturas com fios que nos parecem invisíveis

ao primeiro olhar mas que se vão afirmando nas trocas culturais que fazemos enquanto humanidade onde todos nos tocamos e influenciemos, a expressão “das coisas nascem coisas” de Bruno Munari, associada ao pensamento criativo e ao ato da criação artística é também aqui aplicável nesta perspectiva de interligação e de transformação, à que se seguiu um debate com uma mediadora, jornalista especializada em direitos humanos, que partilhou a sua experiência de estar num dos campos de refugiados na Grécia. Seguiu-se uma oficina de exploração de movimento, corpo e espaço criando experiências de dança e performance que irão iniciar o trabalho de criação a desenvolver daqui em diante ao longo do projeto.



Figura 3: Migrações e Cruzamentos Fonte: própria

Concluimos com a habitual roda de conversa e marcamos o encontro seguinte na escola, em março. Durante este hiato temporal foi desenvolvido trabalho autónomo na escola, onde algumas estratégias e metodologias partilhadas, terão ganho novas formas, despertando novas iniciativas fomentando coesão e união do grupo.

Um destes momentos de trabalho, previamente definido, destinava-se a contactar e envolver os seniores do centro de dia neste projeto. Com os objetos pessoais já seleccionados - objetos como mediadores de memórias, estabeleceram-se elos de ligação com outros objetos seleccionados pelos seniores, e neste encontro de objetos, foi possível construir um diálogo em que se partilharam histórias pessoais, entre gerações e se iniciaram novos caminhos conjuntos.

Para além deste momento, destacamos aqui algumas outras propostas que surgiram: os alunos de CEF, com o apoio e orientação da professora da disciplina de cerâmica, organizaram vários momentos de partilha dos seus conhecimentos técnicos com os colegas mais juniores e com os seniores do centro de dia e todos criaram a sua efígie como nas moedas antigas que viram no museu partilhando perfis físicos num registo de memórias interligadas, trabalho tornado possível pelos mais novos que fotografaram todos de dando origem à imagem base para as efígies.

Em colaboração conjunta o grupo deu continuidade aos os trabalhos das suas caixas de memórias (entretanto devolvidas), adotando as sugestões propostas individualmente, fizeram um grande mural com as silhuetas de todos os participantes do projeto, juniores e seniores que ficou em grande exposição no hall de entrada da escola e aconteceram horas de almoço com música e dança de várias partes do mundo, em que outros alunos da escola se envolveram e onde o mote era a partilha e a demonstração de vários tipos de dança, entre outros momentos espontâneos de partilha e cumplicidade.

Em março chegou o momento de o museu ir à escola, iniciando a segunda fase do projeto. Havia grande expectativa e aquela sensação boa de voltar a estar com um grupo que se entrega de corpo e alma às propostas. Encontrou-se diversas transformações expostas no espaço escolar - as caixas, o mural, conversámos sobre as experiências, fizemos um ponto de situação das expectativas e começámos a montar as ideias que estavam agora a surgir - fruto de todo o trabalho já realizado, sob a forma de narrativa corporal a partir da linguagem da dança - performance.

Para trabalharmos foi disponibilizada a biblioteca escolar, a sala mais confortável e ampla de uma escola com condições bastante degradadas, e os estudantes dispensados dos compromissos letivos para poderem participar em pleno no projeto e capitalizar a presença do museu na escola, e as mais valias em potência daí decorrentes.

Neste encontro, criámos em conjunto, um mapa de ideias feito de palavras do grupo, que espelhasse o que significava para cada um dos seus elementos ser “Guardiões de Memórias”. Desse mapa partimos para dinâmicas criativas de composição coreográfica, para contarmos esta história de todos.

A dinâmica gerada com as professoras e com os alunos foi sempre contagiante e os processos em constante mutação e transformação. Resolvemos juntar os seniores ao trabalho performativo, contando as suas histórias em gestos e teatro de imagens. Incorporamos solos propostos pelos alunos, importámos momentos das danças partilhadas no horário do almoço, criámos e compusemos em plena parceria de vontades e decisões com quarenta alunos que couberam de forma espantosa num pequeno espaço da biblioteca escolar onde juntos dançamos, sorrimos, partilhámos pensamentos e movimentos, criámos cumplicidades e o início de uma coreografia plural e polifónica.



Início da coreografia – mapa de palavras Fonte: própria

Estavam programadas mais seis deslocações à escola para desenvolvimento da performance que acordámos por motivos de disponibilidade do grupo e das professoras que seriam condensadas numa semana de residência artística no período a seguir ao fecho do ano letivo. O que a nosso ver se veio a revelar profícuo numa lógica de experiência imersiva e sem as distrações inerentes aos compromissos escolares, estando os alunos focados nos tempos e nos espaços do projeto.

Os encontros do Projeto Guardiões de Memórias, exploraram sempre propostas e conteúdos distintos e indutores de “espanto”, (Mendonça, 2022) que geram momentos onde “inesperadamente uma coisa surge como nunca antes a havíamos visto”, corroborados aqui também com o testemunho de alunos como “uma oportunidade única de ver coisas inacreditáveis.” ou “nesta experiência aprendi que nenhum ponto de vista está errado e que há sempre mais do que uma maneira de ver as coisas”. Estes momentos culminaram na concretização deste momento de residência artística - em que o museu habitou em Leiria (a coordenadora do projeto e mediadora artística e cultural) que aconteceu na escola e em equipamentos culturais do território, como a Biblioteca Municipal, ou em locais do património, num desenho de projeto para uma apresentação *site specific*, onde se concretizou o resultado artístico dos meses de colaboração e pensamento, com a apresentação pública de uma performance, num festival de cruzamentos disciplinares.

### 3.5 QUASE A CHEGAR

Um dos intuitos deste projeto, era o de poder devolver à comunidade a ideia de estarmos a construir a partir dela e das suas memórias. Assim, fez-nos sentido que houvesse uma apresentação pública do trabalho do grupo. Importava também à escola e ao museu, para além de transformar de forma positiva os envolvidos mediante a participação num projeto que colocava em evidência subjetividades e uma multiplicidade de pessoas e culturas, projetar igualmente uma imagem positiva da escola junto dos territórios, sendo muitas vezes defendida uma ideia de escola que sai do seu ensimesmamento para as comunidades - que sendo um trabalho com comunidade se apresentasse para a comunidade. Com este desejo coincidiu a proximidade da realização de um festival transdisciplinar de referência, que juntava numa programação de fim de semana, um conjunto de atividades artísticas transdisciplinares de espaço público e envolvendo públicos diversos, com o qual se conseguiu estabelecer uma parceria, que proporcionou não só a participação, como a possibilidade do Projeto Guardiões de Memórias fazer honras de abertura.

Seguiu-se então a semana de trabalho na escola, na biblioteca municipal da cidade e na praça do centro histórico, onde veio a acontecer a performance, em que cada conjunto de palavras do mapa de ideias foi transformado em movimento, dança e coreografia numa negociação participativa e colaborativa numa contínua exploração em solos, pequenos grupos e grande grupo. Escolhidas músicas e montado o resultado final. E ensaiado, ensaiado, ensaiado... Neste processo incorporou-se também os seniores compondo a sua intervenção



em diferentes momentos de partilha e coconstrução.



Figuras 5 e 6: Ensaios – residência artística Fonte: própria

Com o final da semana, chegou o final do projeto e o momento da sua apresentação pública à comunidade. Dia de grande excitação e euforia, mas também responsabilidade.

### 3.6 O CRUZAR DA META

A performance com que se materializou o processo deste projeto teve lugar numa das praças mais centrais do território. Uma zona de convívio entre os habitantes, de tradição secular, movida e de uma dinâmica cultural que revitaliza o centro histórico do território. A sua escolha foi determinada em consonância com o grupo, numa vontade de interagir com uma praça repleta de histórias e memórias, onde também qualquer viajante contemporâneo passará na visita à cidade, mas também pela sua memória como palco de diálogo intercultural, com diversas memórias históricas (judiaria e outras) que acolheu desde sempre uma multiplicidade de culturas, como por exemplo a árabe, anterior à própria elevação da cidade.

Garantiram-se com o município e organização do festival, as condições técnicas para a realização do evento, nomeadamente o sistema de som adequado a uma abordagem de espaço público com aquelas características, mas atuando de forma discreta e não intensiva, para que a performance pudesse acontecer de forma inesperada e surpreendesse tanto os públicos esperados, como as pessoas que circulavam.

Cruzando música de várias culturas, uma amplitude de faixas etária entre os 8 e os 99 anos, a palavra dita, a dança, a memória e a contemporaneidade, a performance realizada, encantou a quem assistiu. Alguns emocionados, outros curiosos, outros a elogiar, a questionar e a congratular-se com o que tinham acabado de presenciar e sentir.

Para os Guardiões estiveram foi um momento de conexão e empenho, de construção de novas memórias, numa sensibilidade estética e poética que se agigantou, para guardar, seja na perspectiva de quem participou e de quem assistiu.



Figuras 7 e 8: Performance Guardiões de Memórias Fonte: própria

### 3.7 ECOS E LEGADOS: questionar, pensar e voltar a questionar, a caminhada como processo de aprendizagens em construção.

“Sou professora de E.V e E.T e a minha formação profissional permitiu trabalhar alguns aspetos do projeto mais específicos da minha área, mas a canalização do projeto para uma área transversal às artes como uma performance, fez-me sair da minha zona de conforto e por vezes atuei como uma espécie de espectadora de aprendizagens (...) Aprendi a riqueza do trabalho de equipa em valências tão diferenciadas e que se conseguiram unir num projeto comum.(...) Senti que com este projeto foram proporcionados momentos felizes que ficarão guardados na minha memória e na dos que tiveram a honra de ter participado nele.”

Testemunho de docente envolvida

“Nesta experiência aprendi que nenhum ponto de vista está errado e que há sempre mais do que uma maneira de ver as coisas.”

“A partir de uma obra de arte pode-se criar tudo o que a nossa imaginação permitir.”

“Eu estive a trabalhar para comunicar com a ajuda da arte.”

Testemunhos de estudantes envolvidos

Através da arte, os jovens (e na verdade todas as faixas etárias), podem expressar as suas culturas e a sua voz. Acreditamos que será papel da escola e do museu, permitir que essas expressões possam ser faladas e escutadas, numa lógica que dialoga, e que se pode expressar nos processos de participativos - educação e criação artística

Com a agitação e o frenesim diário que habita as vidas da sociedade contemporânea, nem sempre nos munimos do tempo lento que nos permite conhecermo-nos, às nossas origens e às nossas famílias, parar para pensar nas relações que estabelecemos, e perceber melhor o mundo que nos rodeia.

As formas de ser e de fazer das artes, são um convite à observação, à atenção e ao questionamento permanente de primeira, segunda, terceira ou múltiplas ordens (Acaso & Megias, 2017). Valorizamos como já fomos reiterando no decorrer desta reflexão, uma relação entre artes e educação como uma ecologia de possibilidades de uma formação integral das pessoas, de reencontro consigo, com os outros e com o meio, de emancipação no espaço que

se amplia na relação entre escola e museu como um território de enorme potencial para perpetuar esse lastro e imaginar uma escola (uma educação) que possa atuar em linha com os desafios contemporâneos, e sonhar como diria “uma educação com o potencial de mudar radicalmente o curso da vida de uma criança para melhor” (Robinson, K. 2023. p: 26)”, perspectiva que presente também em Bourdieu (2007), quando questiona o papel social da escola.

Importará pensar aqui na arte como dispositivo e modo de fazer, através dos quais as pessoas podem ser elas mesmas, expressar opiniões, ou alicerçar olhares críticos sobre o mundo à sua volta, entendendo a importância de que uma escola e um museu, em especial se juntos, podem fazer a diferença na vida das pessoas. Aliando espaços de diálogo às artes, numa lógica de incentivo às artes participativas, podemos favorecer “a ação comunicativa, um tipo de ação social voltada para a comunicação e a compreensão entre os indivíduos, que pode ter um efeito duradouro nas esferas da política e da cultura como uma verdadeira força emancipadora.” (Helguera, 2011. p:75)

Este lugar onde a sala de aula expandida (Bruguera 2011), que se amplia no museu e onde o museu também se estende para a escola, constitui uma forma de contrariar uma ideia convencional e generalista das escolas que se vê também apontada de forma crítica por Robinson, quando diz que “a educação na vida da pessoa depende muito do tipo de escola em que estuda e dos professores que tem. Muitas vezes a educação desmotiva os jovens em vez de os apoiar, nega-lhes as oportunidades de que precisam para ter sucesso nas suas vidas” (Robinson, 2023).

Motivava as autoras, parte das vozes e mãos construtoras deste projeto que aqui se partilha uma visão consentânea de que participar em projetos artísticos implicados, que promovem reflexões sobre identidades, culturas, valorização das diferenças abriria um campo de possibilidades que deixaria sementes de democracia e conduziria à aceitação de uma nova visão subjetiva de todos os envolvidos, aliada a uma construção forte e positiva do eu e de reforço a um sentimento de pertença a um território que incluía todos e em que todos pudessem “ser” por intermédio das artes que atuam aqui como alavancas numa implicação conjunta de um “fazer juntos” em formas de participação que permitam arriscar, criar, sair da zona de conforto para trabalhar eixos como a cultura e a cidadania (Porto, 2019).

As artes participativas, espelhadas neste projeto, pretendiam também corroborar a nossa convicção de que uma educação sensível, que alia conhecimento aos afetos, pode repercutir-se positivamente nas aprendizagens e em diferentes formas de criar comunidades, inclusivas equitativas mais justas. A arte pública ou em espaço público pode ainda a nosso ver transformar positivamente a visão de si, de pessoas normalmente colocadas à margem, e conotadas com estruturas sociais e económicas mais frágeis, dando visibilidade ao seu trabalho colaborativo, às suas escolhas, e à riqueza da sua diversidade cultural, como foi aqui o caso.

A partilha de patrimónios individuais e a construção de coletivos, sejam eles materiais ou imateriais, alia-se a uma ética do cuidado dos constituintes do grupo, mas também do espaço habitado que é de todos. Se tivermos em conta que este património que agora se reconfigura como comum pode incluir também práticas sociais, direitos e obrigações, interessa pensar em como a trajetória de um projeto desta natureza pode ter implicado nas dinâmicas da escola, do território, das relações das pessoas com os outros e consigo próprias.

Importa também pensar aqui numa escola e num museu que se articulam e entretecem mutuamente, e que não relegam a participação em projetos não curriculares, para segundo plano, providenciando momentos de partilha e construção que valorizam o currículo e as aprendizagens.

Salientamos também o fato de ambas as mediadoras dominarem linguagens e códigos inerentes às artes participativas, eco-museologia e valorizarem as dinâmicas propostas pela democracia cultural, mas também sobre a importância que os afetos representam nos contextos das aprendizagens.

Estas duas perspectivas da mediação cultural e a mediação artística unem-se aqui também como pontos de partida e de chegada, num processo feito caminho, para uma ecologia dos afetos e da construção de laços sociais com centro nas artes, imbuídas de uma pedagogia afetiva que transforma positivamente e que encoraja um olhar atento, a emancipação, a participação como lastro para um caminho para a democracia e em que se abrem possibilidades de novos futuros.

Os Guardiões de Memórias são essencialmente como lugares de encontros, de reflexão e de questionamento, onde a dramaturgia do corpo nos levou a viajar por culturas, identidades, memórias e afetos.

Guardar memórias, será isso mesmo, pensar caminhos, questionar, fazer perguntas, dialogar e registrar nos patrimônios pessoais e coletivos ecos e legados de momentos de crescimento, aprendizagem, onde se caminha sem medo do erro e de assumir que o caminho se faz caminhando, de olhar atento a si, ao outro e ao mundo que nos rodeia, respeitando diversidades e culturas plurais.

Este projeto inicia formas de pensar e fazer educação, mediação e participação mais consistentes e coerentes dentro da ligação escola-museu-comunidade e passados 6 anos da realização deste projeto, o mesmo continua a ser um farol que nos guia, inspirando-nos e desafiando-nos para arriscarmos nas nossas práticas e nos superarmos. Um lugar de começos, a partir do qual muitos projetos foram nascendo no caminho profissional que ambas fazemos, vários em conjunto em renovadas colaborações e que continua a ser um lugar de conforto e inspiração que visitamos quer para procurar inspiração quer para encontrar coragem para adereçar os novos desafios nos nossos caminhos profissionais.

Terminamos valorizando a importância de uma relação com as artes que nos amplia e que como diria Enrique Rojas, a cultura (e a vida) “é a curiosidade em ir crescendo por dentro, alargando os horizontes da nossa paisagem interior e isto significa que cada um deve tentar nutrir-se de arte, literatura, pintura, poesia...já que cultura é liberdade e a liberdade e a cultura são duas chaves essenciais para a felicidade. “

## REFERÊNCIAS

- Abouddrar, B.; Mairesse, F. (2016). **La Médiation Culturelle**. Paris: Presses Universitaires de France
- Acaso M. & Megias C. (2017). **Art Thinking**: como el arte puede transformar la education. Grupo Planeta.
- Atkinson, D. (2012). Contemporary art and art in education: the new, emancipation, and truth. *International Journal of Art & Design Education*, 31 (1): 5-18. <https://doi.org/10.1111/j.1476-8070.2012.01724.x>
- Bourdieu, P. (2007). **Escritos em Educação**. Editora Vozes.
- Bruguera, T. (2011). **Pedagogia no campo expandido**. Fundação Bienal do Mercosul
- Carta de Porto Santo, **A cultura e a promoção da democracia para uma cidadania europeia**. (2021) Porto Santos e Lisboa : República Portuguesa, Plano Nacional das Artes e GEPAC
- Charréu, L. (2018). A pesquisa educacional baseada nas artes (PEBA). Lisboa: **Revista Portuguesa de Educação Artística**
- Cruz, H. (2022) Arte, Reinvenção e Futuros. Práticas Artísticas na Comunidade PARTIS 2019-2022, Fundação Calouste Gulbenkian
- Dias, A. (2018). Transformar, criar, desafiar: o VII Congresso Matéria-Prima. *Guardiões de memórias, 'Fábrica de Projetos:' projeto transdisciplinar e intergeracional* Revista **Matéria-Prima**. 160-170. CIEBA—FBAUL, Lisboa. ISBN 978-989-8771-89-6
- Eurydice (2012). **A Educação para a Cidadania na Europa**. Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. doi:10.2797/21471
- Great Art And Culture For Everyone-10-Year Strategic Framework (2013). Arts Council England
- Helguera, P. (2011). **Education for Socially Engaged Art A Materials and Techniques Handbook**. Jorge Pinto Books.
- Hirsch, M. (2008). **The Generation of Postmemory**. Poetics today 29:1. Porter Institute for Poetics and Semiotics. Duke University Press Poetics Today. 103-128 DOI 10.1215/03335372-2007-019

Lafortune, J. (dir). (2012). **La Médiation Culturelle: Le Sens des Mots et l'Essence des Pratiques**. Presses de l'Université du Québec

Leavy, P. (2015). **Method Meets Art-Arts-Based Research Practice**. The Guilford Press

Lopes, J. (2008). **Da Democratização à Democracia cultural**. Profeedições

Martins, P. F. R. (2024b). A Mediação Artística e Cultural na Escola: Perspectivas na primeira pessoa ou um lugar de fala para o mediador artístico-cultural a operar em contexto educativo e comunitário. *Da Investigação Às Práticas: Estudos de Natureza Educacional*, 14(2), e-372. <https://doi.org/10.25757/invep.v14i2.372>

Manifesto Plano Nacional das Artes, (2019). Lisboa: Ministério da Cultura, Ministério da Educação e Plano Nacional das Artes

Matarasso, F. (1997). **Use or Ornament: Social Impact of Participation in the Arts**. Comedia

Matarasso, F. (2019). **Uma Arte Irrequieta**. Fundação Calouste Gulbenkian

Porto, M. (2019). **Imaginação**. Reinventando a cultura. Polen

Muniz, L. (2019, October 18). *Escolas de artistas: Escola de Arte Útil - Revista seLecT\_ceLesTe*. **Revista SeLecT\_ceLesTe**.

<https://select.art.br/escolas-de-artistas-escola-de-arte-util/>

Robinson, K.(2001) – **Out of Our Minds – Learning to be creative**, capstone Publishing Limited, Wes Sussex

Robinson, K. (2015). **Creative Schools**, Viking

Wimmer, M. (2002). **Art Mediation within Educational Processes**. *Prospects*, 32(4). <https://doi.org/10.1023/a:1022106118048>

UNESCO-Road Map for **Arts Education**.( 2006). UNESCO

@revistaeai

revistaeducacao  
arteinclusao@  
gmail.com

(48) 3321-8314

revista   
**eai** educação,  
artes &  
inclusão